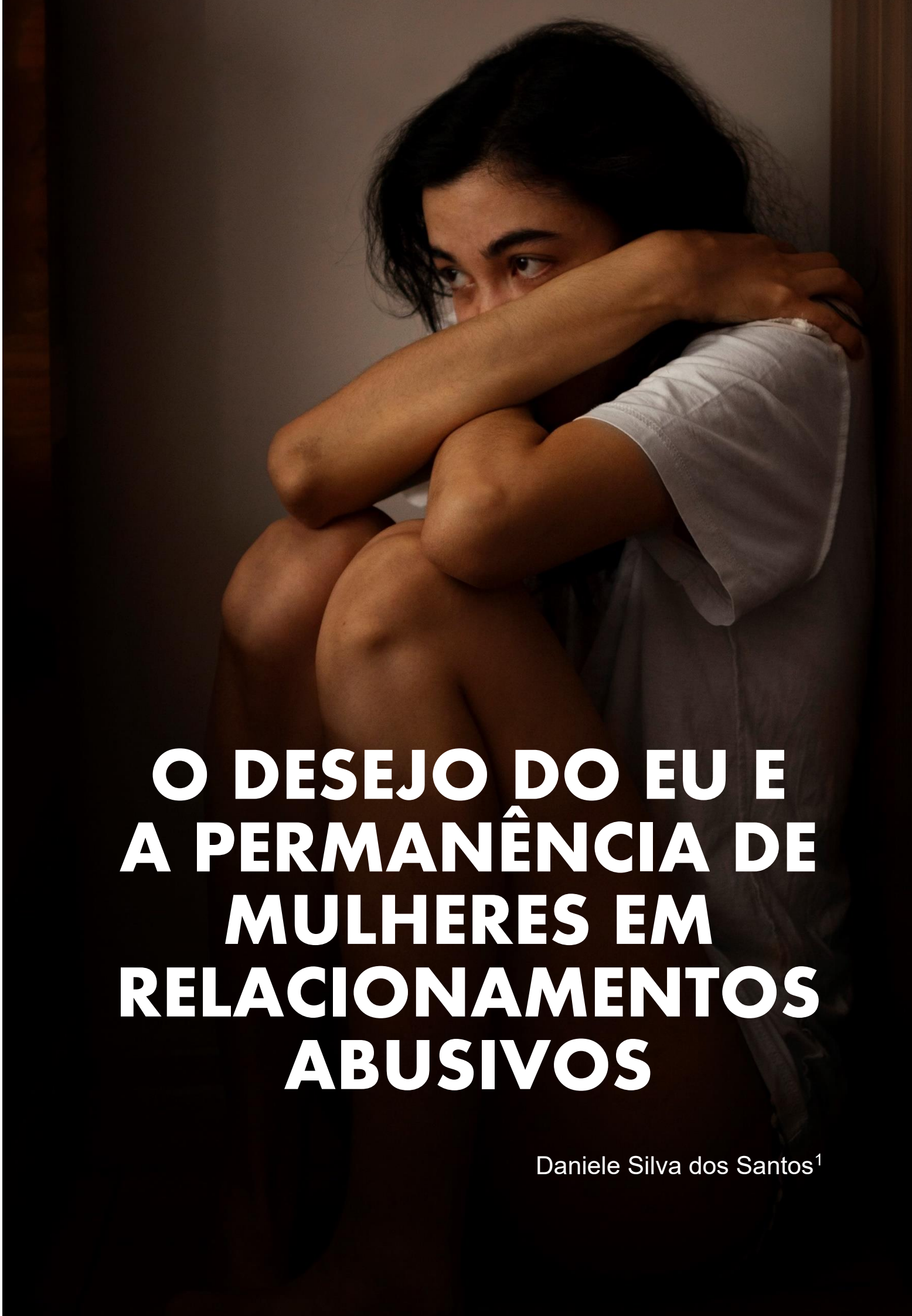

O DESEJO DO EU E A PERMANÊNCIA DE MULHERES EM RELACIONAMENTOS ABUSIVOS

Daniele Silva dos Santos[1]

RESUMO

O presente artigo busca realizar uma reflexão acerca da permanência de mulheres heterossexuais em relacionamentos amorosos avaliados como abusivos, sob um viés psicanalítico. O texto também possui o intuito de expor o adoecimento dessas mulheres por se encontrarem na presença de paradigmas biopsicossociais que induzam a preservação desses vínculos. São trazidas motivações inconscientes e fundamentos sociais que cooperam com a necessidade dessas vitimas de se manterem em tais relações. Para essa finalidade, foi elaborada uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo. Como fonte de dados, foram usados livros e obras clássicas baseados na psicanálise, e, artigos e revistas eletrônicas com corte temporal de 2019 à 2023 que abordaram a temática. Também é apresentado o impacto dos males causados por violências tanto psicológicas, quanto físicas, provocados na saúde mental dessas mulheres. O papel do profissional de psicologia perante a estas violações, também é apontado. Para maior evolução nessa demanda, é imprescindível que às vítimas reconheçam seus direitos e melhoria da qualidade de vida.

Palavras-chave: Mulheres; Relações interpessoais; Abuso emocional; Violência; Psicanálise.

THE DESIRE FOR THE SELF AND THE PERMANENCE OF WOMEN IN ABUSIVE RELATIONSHIPS

ABSTRACT

This article seeks to reflect on the permanence of heterosexual women in abusive love relationships, from a psychoanalytical perspective. The text also aims to expose the illness of these women because they find themselves in the presence of biopsychosocial paradigms that induce the preservation of these bonds. Unconscious motivations and social foundations that cooperate with these victims' need to remain in such relationships are brought to light. To this end, a qualitative literature review was carried out. As a source of data, we used classic books and works based on psychoanalysis, and articles and electronic journals from 2019 to 2023 that addressed the subject. The impact of the harm caused by both psychological and physical violence on the mental health of these women is also presented. The role of psychology professionals in dealing with these violations is also highlighted. In order to make further progress in this area, it is essential that victims recognize their rights and improve their quality of life.

Keywords: Women; Interpersonal Relations; Emotional Abuse; Violence; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Quando falamos de relacionamentos tóxicos, é indispensável citar a presença do gênero feminino como maior parte no quadro de vitimas. Relações analisadas como abusivas se tornaram um tema contemporâneo que frequentemente permeia clínicas e atendimentos psicológicos. O assunto acaba gerando novos questionamentos e percepções nos dias atuais, por ter deixado de ser algo visualmente aceitável perante o social, e ter começado a ser analisado por novas bases de dados. Décadas atrás, era totalmente comum encontrar mulheres servindo ao sexo masculino por uma obrigação, nos dias atuais, esse ainda é um dos pontos que, ao ser passado por fontes transgeracionais, traz relevância para essas manutenções.

Por esse novo conhecimento social, o assunto acaba gerando novas percepções sobre a vítima. Mesmo com muitas dessas mulheres não se dando conta que de fato estão cercadas por abusos, as mesmas, acabam enfrentando julgamentos como se elas fossem culpadas pelos acontecimentos e violências causadas pelo parceiro amoroso (Silva, D e Silva, R.L. 2020, p.3). Existe uma estrutura social que dá relevância ao papel do homem por ele ser homem e a brutalidade ser um traço essencial na masculinidade, e ao mesmo tempo, destila culpa sob a mulher por ela não conseguir se livrar destas amarras.

Quando esse trabalho foi realizado, percebeu-se uma escassez na abordagem do tema perante o que causa estas permanências. Muito se fala sobre o momento da violência e o pós, mas, não havia, de forma massiva, bases bibliográficas que de fato abordassem o fator psíquico que gerasse influência nessas mulheres e na relevância que o relacionamento tem perante as mesmas. “Pensando nas diferentes formas de violência e nos prejuízos que estas podem acarretar na vida da mulher, algumas áreas de estudos da Psicologia tentam explicar porque esse tipo de comportamento acontece” (Silva, D e Silva, R.L. 2020, p.3).

Por ter se tornado uma problemática contemporânea e de maior reconhecimento à comunidade, a busca por psicólogos se tornou cada vez mais frequente em relação a este assunto. Esse artigo estuda ferramentas e manejos com a vítima, e contextos que possam gerar uma compreensão desses profissionais

perante a psique e a assimilação do conteúdo de vida com o que é necessitado por essas mulheres.

Além das matrizes estruturais trazidas pelo social, também vale citar as motivações inconscientes que geram uma saciação solicitada pelo Eu dessas vitimas. Embora tais relacionamentos gerem tantos estragos psíquicos, eles geram o abastecimento do que o desejo da vitima pede. De acordo com Guzmán e Derzi (2021), a teoria freudiana ressalta o conceito de fantasia e menciona que é impossível diferenciar os acontecimentos que de fato ocorreram, das fantasias. As cenas primárias da fantasia possuem uma realidade particular no sujeito, juntamente com os acontecimentos que de fato aconteceram. É como se nesses casos de abuso, a fantasia da vitima com o ocorrido se tornasse realidade.

Se sentir realizada com o que não é visível, ainda é uma indagação para essas mulheres. Como algo tão doentio ainda me faz sentir vontade de permanecer? Conforme Freud (1914, p.154), “podemos dizer que o analisado não se lembra de mais nada do que foi esquecido e recalcado, mas ele atua com aquilo. Ele não reproduz como lembrança, mas como ato, ele repete sem, obviamente, saber o que repete”. Observando isso, cabe perguntar: quais processos e faltas precisam ser preenchidas por outras situações ou vínculos?

Para estabelecer o conteúdo desse trabalho, foram reunidas diversas interrogações sobre o motivo de tantas mulheres terem o entendimento que o relacionamento amoroso não está proveitoso, mas ainda assim, possuírem tanto encontro de si nestas relações. Para responder essas questões, foi dado o objetivo geral de analisar a motivação da permanência de mulheres em relações abusivas, para assim, entender o que traria estas influências gerais sobre as vitimas. Também foram estabelecidos, objetivos específicos como: investigar sobre relacionamentos abusivos, identificar motivos que prendam mulheres em tais relações e apresentar os principais impactos dessa permanência na saúde mental feminina.

O presente estudo traçou um caminho para gerar tais posicionamentos sobre a temática, e se fundamentou em uma pesquisa qualitativa e bibliográfica. Foram utilizados livros, artigos, revistas eletrônicas e programas de audio produzidos dos anos de 2019 a 2023. Foram desempenhadas análises e perspectivas baseadas no

assunto central. A literatura psicanalítica foi o ponto alto da seleção de obras apresentadas.

Este trabalho se estrutura em sete capítulos, sendo eles: O primeiro, apresentamos a introdução e toda contextualização do artigo; justificativa; problema de pesquisa; objetivo geral e específicos e a metodologia do trabalho. O segundo capítulo relata os aspectos conceituais de um relacionamento abusivo, as consequências do machismo estrutural e o que faz uma mulher escolher o companheiro tóxico. O terceiro capítulo relata as influências que o passado tem sobre o presente, o retorno de uma necessidade que não é visível e o que faz uma mulher permanecer em um vínculo doentio. O quarto capítulo relata os danos causados por estas relações, e o papel do profissional de psicologia perante a essas vitimas, como deve seguir o vinculo paciente e psicologo. Também é relatado o *rapport* que é tão necessário nesses atendimentos. O quinto e último capítulo traz as considerações finais sobre a discussão trazida através deste estudo.

2 RELAÇÃO DE ABUSOS: ASPECTOS CONCEITUAIS

2.1 O Que É Um Relacionamento Abusivo?

Ações como controle sobre a outra pessoa, possessividade, violências de natureza psicológicas, sexuais e físicas são caraterísticas de um relacionamento abusivo. Tais relações podem ser encontradas tanto em relacionamentos amorosos, quanto em relações parentais, de amizade e empregatícias. Por hora, é de importância salientar que nem toda relação abusiva possui o mesmo padrão de comportamento do abusador para com a vítima, porque são projeções inconscientes, e que, mesmo que não haja repetições, ainda podem ser consideradas violência. De acordo com Oliveira (2007), dentro da teoria Kleiniana, a fantasia pode ser considerada uma estruturação da relação do sujeito com o que está ao seu redor. O abusador tende a expressar com a vítima o que lhe é visto como seguro naquele momento. Segundo uma estatística da ONU Mulheres, braço da Organização das Nações Unidas (ONU), para o gênero feminino, ao longo de suas vidas, 27,04% mulheres entrevistadas foram vítimas de violência psicológica, enquanto 17,27% sofreram agressões físicas e 7,13% violência sexual dentro de seu contexto doméstico.

2.2 O Poder Da Masculinidade

Ao falarmos sobre estas relações, se torna incontestável a visão de autoridade do abusador sobre a vítima. Para Arendt (1985, p. 28), “para que se possa conservar a autoridade é necessário o respeito pela pessoa ou pelo cargo. O maior inimigo da autoridade é, portanto, o desprezo […]”. Quando abordamos esse tipo de comportamento dentro de um relacionamento amoroso, e com a figura masculina como agressora, ainda nos deparamos com visões de cunho machista que expressam a conotação de um ser autoritário que possua completo comando, especialmente quando está na presença de uma mulher. Ainda podemos relatar que, mesmo com a existência de causas feministas na luta pela igualdade de gênero, a visão de soberania da figura masculina ainda é trazida em muitas famílias, desde cedo na vida do homem, por meio do machismo enraizado de crenças e ensinamentos dos modos de como deve ser a figura masculina, fator que afeta drasticamente o convívio do mesmo.

> Os ensinamentos assimilados no espaço familiar durante a infância são internalizados e tendem a ser reproduzidos durante a vida. É com base nesse processo que os homens internalizam, por exemplo, a agressividade enquanto característica inerente ao masculino, naturalizando a violência como forma permissível e aceitável de resolução de conflitos (Silva, A.F., *et al.*, 2022).

Quando citado o poder da crença do machismo estrutural na figura feminina, encontramos mulheres, principalmente idosas, que acreditam que devem permanecer até o fim de suas vidas com seus parceiros escolhidos, mesmo sendo desgastante, por não possuírem o poder de decisão em suas relações e vidas, pois o social impõe que este é um papel do gênero masculino. No momento que uma mulher, vítima do machismo, ensinado como correto, encontra um companheiro, ela é colocada, e se entregue, a um local de submissão nesse relacionamento.

2.3 A Escolha Do Parceiro Abusivo

De acordo com Sanches (2018 *apud* Sales, 2020 p.20), as escolhas amorosas podem acontecer de duas formas diferentes; buscando no outro o que se deseja ser ou buscando algo que foi perdido em si. O fundamento se dá através de uma necessidade narcísica, de preenchimento do Eu, quanto vítima de seu próprio Eu. A falta tende a ser tão insuportável que se necessita de uma reposição daquilo que não

está presente, partindo por um lado de preenchimento com a presença do outro. Segundo a perspectiva do criador da psicanálise, Sigmund Freud, sobre o inconsciente (1915), existem processos inconscientes que buscam objetos que garantam a realização do desejo, assim, correlacionando com a relações tóxicas, as mulheres que escolhem companheiros abusivos não possuem consciência nítida dos males de tal relação. O fantasioso, que é suprido através do relacionamento amoroso com tais abusadores, permanecerá como foco, por saciar a fonte do desejo. “Sentimo-nos à vontade, confortáveis e extraordinariamente "corretos" com a pessoa com quem podemos nos comportar familiarmente e sentir todos os sentimentos familiares” (Norwood, 2011 p.140).

> Inconscientemente a mulher que ama demais escolhe o parceiro, com base no homem que melhor pode receber atenção e acolhimento lhe dá garantia de que não irá abandoná-la ficando do seu lado pelo sofrimento que passa por ele em troca do amor dele. O medo de abandono da mulher sofrido na infância irá se transformar em uma obsessão por ser aceita por alguém. Essa obsessão é na realidade a incapacidade de agir sobre si mesma. O medo mais a obsessão irá gerar um vício de ser sempre necessária para o homem (Almeida, 2005 p. 20 *apud* Sales, 2020, p.25).

Um dos pontos-chave nessa escolha, conforme Pinto (2019) referenciando a visão Lacaniana, é a falta. Será procurado aquilo que sacie o que não houve encontro. O que falta no Eu será procurado para satisfazer o desejo do que é faltante. Por isso, podemos dizer que o desejo é algo negativo dentro do narcísico, já que o que não é encontrado e precisa ser suprido se torna uma fantasia que traz a saciação da necessidade do que é pedido. Se não se pode ter, e precisa ter, cria-se uma visualização que permita que se tenha. É como se o único indivíduo que gerasse interesse, fosse o indivíduo que saciasse tais exigências pulsionais. “[…] podemos dizer que há uma aposta nos objetos parciais, aposta no sentido de encontrar neles algo poderoso que dê conta da falta, ou seja, da completude” (Silva, J.M., 2021). É relatado por Ribeiro (2023), em um programa de áudio:

> Uma criança que não viveu um apego seguro - que recebeu violência de quem deveria receber cuidado, que na busca por acolhimento recebeu repressão - vira um adulto que, por um lado, pode ter dificuldade de sair de relacionamentos violentos porque a violência ficou equiparada ao afeto, e, por outro, pode romper vínculos saudáveis porque a intimidade ficou equivalente ao perigo (Ribeiro, 2023).

Conforme o psicanalista e psiquiatra francês Nasio (2007 p.11), o Eu se submete a encontrar maneiras para que se defenda do desejo de dois modos; recalcando o que é desejado e criando uma nova fantasia que possa substituir o objeto de desejo, assim, acarretando um determinado alivio ao Eu. Quando correlacionamos estes meios de proteção ao relacionamento afetivo, podemos trazer a substituição do que é faltante na infância para a visualidade do parceiro amoroso perante à a necessidade de substituição da vítima. “Talvez o auge do amor partilhado consista no furor dos parceiros em se transformar um ao outro segundo suas respectivas fantasias” (2007 p.19). O escritor e psicanalista Contardo Calligaris relata em uma de suas obras:

> Quando nos apaixonamos por alguém, a coisa funciona assim: nós lhe atribuímos qualidades, dons e aptidões que ele ou ela, eventualmente não tem: em suma, idealizamos nosso objeto de amor. E não é por generosidade; é porque queremos e esperamos ser amados por alguém cujo amor por nós valeria como lisonja. Ou seja, idealizamos nosso objeto de amor para verificar que somos amáveis aos olhos de nossos próprios ideais (Calligaris, 2019, p.89).

De acordo com Freud (1914, p.154), o indivíduo não vai se lembrar de forma consciente daquilo que sente falta e lhe foi recalcado, mas ele irá buscar inconscientemente e irá repetir a busca de forma que nem ele mesmo se dê conta. Um exemplo disso, seria uma mulher que sempre sentiu a falta do comparecimento da presença materna e não se deu conta por ainda possui-la fisicamente por perto, não seria viável instintivamente para a mulher implorar para que a mãe lhe transfira o cuidado e zelo materno, já que a presença física da mãe ainda está ali, e ela se dá conta do acompanhamento superficial da mesma ao seu lado, assim, a busca se tornaria uma necessidade que foi recalcada pela mesma. Mas, de forma inconsciente existirá um retorno desse recalcado e uma repetição pela busca dessa presença da mãe suficientemente boa em outras relações, como de amizade e principalmente amorosas. Se não é possível suprir essa falta por quem deveria ter suprido, será procurado em outras pessoas o que o inconsciente tanto pede.

Muitas mulheres que vivenciam relacionamentos abusivos, repetidamente, se encontram nessa necessidade de suprimento da falta, de forma que só consigam se encontrar diante da solicitação do que precisam preencher em si mesmas.

> Se a necessidade que alguém tem de amar não é inteiramente satisfeita pela realidade, ele está fadado a aproximar-se de cada nova pessoa que encontra

> com ideias libidinais antecipadas; e é bastante provável que ambas as partes de sua libido, tanto a parte que é capaz de se tornar consciente quanto a inconsciente, tenham sua cota na formação dessa atitude (Freud, 1912a, p.111).

Como dito por Freud na citação anterior, estar em um relacionamento considerado tóxico, reconhecendo a realidade deste relacionamento, é se enxergar merecedora do que está sendo vivenciado. Se está acontecendo, é por que deveria estar acontecendo, e isso torna a mulher desta relação, vítima de tais abusos.

3 O EU DO PASSADO E SUAS INFLUÊNCIAS NO PRESENTE

3.1 O Retorno Do Recalcado

O retornar ao que precisa ser suprido também pode ser visualizado dentro da teoria psicanalítica através do texto “A perda da realidade na neurose e psicose” (1924, p.280), de Freud. Logo no primeiro tópico, é relatado o afrouxamento do convívio do ser com a realidade, justamente, por haver um conflito a partir do recalcamento da pulsão. O Eu, nesse processo de adaptação com o simbólico, não irá se desprender da realidade de fato, mas sim, irá substituí-la. Neste caso, a permanência de mulheres em relacionamentos abusivos seria motivada pela substituição do objeto de falta por um novo objeto que se dispusesse a ser colocado no local. A personificação da mãe ausente, sendo usada como exemplo mais uma vez, seria representada pelo parceiro amoroso.

> Mas a psicanálise nos ensinou: quando o objeto originário de uma moção de desejo foi perdido em consequência de recalcamento, ele vai ser representado, com frequência, por uma série infindável de objetos substitutos, dos quais, entretanto, nenhum vai bastar completamente. Isso pode nos explicar a inconstância na escolha de objeto, a “fome de estímulo”, que tantas vezes caracteriza a vida amorosa dos adultos (Freud, 1912b, p.150).

Conforme Nasio (2013), não é como recordação ou memória latente que esse passado irá voltar à tona no convívio do ser, mas sim, como ato inconsciente e que não haja conhecimento de vivência. Um retorno que traga felicidade ou sofrimento ainda será um retorno que contribuirá para a estruturação do indivíduo. É como se houvesse um apanhado de junções que irão construir escolhas, preferências e atos e estes produzirão a subjetividade do Eu. Também é dito pelo autor que:

> Temos, portanto, o retorno em um ato sadio de um passado afetivamente intenso, conturbado e recalcado; e o retorno em um ato patológico de um passado não simplesmente conturbado, mas traumático. Completo dizendo que o passado traumático é foracluído e recalcado. […] Por enquanto, digamos que a primeira forma de repetição em ato é a de um inconsciente que assimilamos às pulsões de vida que visam estender o ser. A outra forma de repetição em ato é o retorno de um passado traumático. É a atualização violenta de um inconsciente que assimilamos às pulsões de morte, que, ao contrato das pulsões de vida, reduzem o ser ao núcleo de um trauma. As pulsões de vida ligam, interligam e ampliam o ser, ao passo que as pulsões de morte separam, isolam e reduzem o ser ao seu estado mais crispado e doloroso (Nasio, 2013).

Acima, Nasio (2013) distingue dois tipos de retorno do passado. O primeiro é saudável: um passado intenso, mas simbolizado, que retorna como expressão das pulsões de vida, ampliando e conectando o ser. Nestas relações, fazendo com que a vítima se sinta realizada dentro de tal relação amorosa. O segundo é patológico: o retorno de um trauma que não pôde ser elaborado, e que irrompe de forma violenta como expressão das pulsões de morte, isolando e contraindo o ser. O sentir que causa o adoecimento destas mulheres.

3.2 Prisioneira Do Que Adoece

Quando é relatado sobre a compulsão a repetir estas relações, surgem perguntas externas sobre a vítima que impactam não apenas no convívio da mesma, mas também no olhar externo e motivo de estar em algo tão maléfico para si. Por que estar em um local que ela sabe que não lhe faz bem? O que faria ela seguir esses mesmos padrões em todas as suas relações de afeto? A vítima de fato possui o “dedo podre” e só escolhe as pessoas erradas?

Rosner e Hermes (2009), em um de seus textos, relatam o fato de crianças buscarem repetir determinados jogos e passatempos por motivações que geram o gozo naquele instante, como se ser bom em tal dinâmica representasse o domínio de experiências traumáticas. Por exemplo, a criança buscar a repetição da brincadeira de “esconde-esconde” ou até defini-la como favorita, lhe daria o conforto de procurar, e principalmente, encontrar aquilo que deseja, nisso se enquadraria casos como medo de separações, abandonos e até mesmo lutos. A sensação de busca pelo prazer seria preenchida. Nem toda busca pelo gozo é saudável. Também é dito pelos autores no

mesmo texto: “A pulsão de morte pode ser questionável, mas a compulsão a repetir atos autodestrutivos é uma noção que é muito útil para ser descartada”.

> Quando está esfaimada, a mulher aceita qualquer substituto que lhe seja oferecido, incluindo-se aqueles que, como placebos, não fazem absolutamente nada por ela e os que são destrutivos e perigosos, que lhe fazem gastar seu tempo e seu talento de modo revoltante ou que expõem sua vida a perigos físicos. Trata-se de uma fome de alma que leva a mulher a optar por aquilo que a fará sair dançando descontrolada - e a levará também perto demais da porta do carrasco (Estés, 2018, p.164).

É dito por Freud, em O ego e o Id (1923, p.46), que existe um desvio da pulsão de morte para não causar destruição daquilo que tende a ser caótico para o ser, por isso, a pulsão de vida se mantem com maior força no interior do sujeito. Para que haja maior representação da pulsão de morte no externo, o que precisa ser expelido, se destrói. Já referenciando aos resquícios da pulsão de morte que se encontram no interior do sujeito, Freud (1923, p.48) dizia que era encontrada uma forma inconsciente de gerar uma descarga através da própria pulsão de vida, o que geraria uma neurose no indivíduo. Os resquícios dessa pulsão de morte resultariam em uma necessidade de punição do superego com o ego. Assim, gerando também, uma visão mais crítica e dura do sujeito consigo mesmo por se achar merecedor de sofrimentos e escolhas indesejáveis. Assim como a criança se submetia a realizar o que era pedido pelos pais em sua infância, quando mais velha, a mesma criança se vê na necessidade de se submeter ao que é ordenado pelo superego. Assim como, por se ver merecedora de sofrimento, a vítima se vê na necessidade de se submeter e obedecer aos requisitos da relação em que está inserida e servir ao companheiro por ele ser o genitor da criança inserida nesse elo.

> Toda vez que você diz para sua filha que grita com ela por amor, você a ensina a confundir raiva com carinho. O que parece uma boa ideia, até que ela cresce confiando em homens violentos porque eles são tão parecidos com você. -Aos pais que têm filhas (Kaur, 2017, p.19).

Além de fatores de repetições psíquicos, também é de relevância trazer o papel social quanto responsável por fatores externos que causem essa permanência. Assim como é trazido por Silva, D.A (2021, p.4), existem causas particulares externas que também são motivadoras nesse processo; finanças, filhos e imóveis são pontos que se encontram presentes nesse vínculo. É nítido o quanto a mulher ainda é vista como responsável afetiva pelo seu lar, e a quebra desse laço traria novas repressões sociais

que colocariam a mulher como vilã de sua própria historia. Desde crianças, mulheres são ensinadas que precisam se casar e ter filhos para de fato serem mulheres, e crescer com essa pré-definição gera novas cobranças e pretextos para continuar no local onde se pode de fato mostrar a feminilidade que o cenário social pede.

Se eu só posso ser uma mulher digna de respeito, ao lado de um homem, por que irei largar a única fidedignidade que possuo?

4 IMPACTOS DESTAS RELAÇÕES NO FEMININO

Nessa seção, apresentam-se os danos que uma mulher vítima de relacionamento abusivo vivencia. Dentre questões psicológicas e físicas. Em seguida, também é relatado o papel fundamental do psicólogo nesses casos, independente da abordagem seguida pelo profissional.

4.1 OS DANOS

Vivenciar uma relação de abusos está visceralmente relacionado à qualidade de vida e saúde mental das vítimas. O sexo feminino é o gênero de mais encontro em transtornos mentais, destes, tendo o abuso psíquico como motivo central. Estas vítimas apresentam transtornos de humor, depressivos e ansiosos com maior frequência. Também é valido relatar que a autoestima, confiança, precisão na tomada de decisões e sono, também são afetados com maior rigor (Romão, *et.al.* 2019, p.295).

> Por ser uma violência de difícil constatação, a vítima, por não conseguir compreendê-la, sofre em silêncio, transformando-o em diversos problemas mais graves, como depressão, fraqueza, baixa autoestima, insegurança e até mesmo suicídio (Oliveira, *et al.* 2016, p.9 *apud* Rosseto, *et al.* 2020, p.4).

De acordo com Huss (2011, p.251), a taxa de suicídio para mulheres que sofreram relações abusivas é mais alta perante as que não viveram tais abusos. A depressão se tornou um transtorno primário em mulheres que passaram por essas violências psicológicas. Diante destes casos, é fundamental que essas mulheres tenham o auxílio de profissionais que as ajudem tanto nas complicações físicas e psíquicas, quanto de forma integral.

Casos de violência doméstica possuem a Lei 11.340 – Maria da Penha como apoio e fonte de visibilidade a respeito da violência. Mas ainda no âmbito, é importante que haja métodos em que a saúde mental da vítima seja preservada. Foi adicionada uma ementa nessa mesma lei no ano de 2018 que configura:

> A violência psicológica, entendida como qualquer conduta que lhe cause dano emocional e diminuição da autoestima ou que lhe prejudique e perturbe o pleno desenvolvimento ou que vise degradar ou controlar suas ações, comportamentos, crenças e decisões, mediante ameaça, constrangimento, humilhação, manipulação, isolamento, vigilância constante, perseguição contumaz, insulto, chantagem, violação de sua intimidade, ridicularização, exploração e limitação do direito de ir e vir ou qualquer outro meio que lhe cause prejuízo à saúde psicológica e à autodeterminação (Brasil, 2018).

É dito por Lagerback (1995 *apud* Santos, 2018 p.17), que nesse contexto também é comum que aconteçam danos representados por sintomas psicossomáticos. Fraqueza física, dificuldades respiratórias, perda de apetite, irregularidade na pressão arterial e crises de choro espontâneas são exemplos destes sintomas. O que não é colocado para fora, acarretado por sofrimentos psicológicos, acaba afetando o funcionamento fisico do indivíduo.

4.2 O Papel Do Profissional De Psicologia Com As Vítimas

Agressões e abusos psicológicos afetam e marcam não apenas a relação da vítima consigo mesma, mas também, dela com o mundo. Dentre profissionais que devem ser buscados após estes danos, é inevitável que haja a presença de um psicólogo no processo de empoderamento e novas escolhas futuras. O profissional de psicologia deve atuar na compreensão e necessidade da vítima servir novamente para estas situações de violência e no sentido de permanecer em tais relacionamentos (Conselho Federal de Psicologia, 2013). Atualmente, psicólogos estão e devem estar presentes nos diversos meios de proteção a essas vítimas, desde delegacias de proteção à mulher, como as clínicas com atendimento social.

> A rede de atendimento no âmbito da violência conjugal é composta por diferentes serviços, os quais, conforme já mencionado, devem atuar de maneira integrada. Dentre esses serviços, pode-se citar: Serviços de Saúde, Delegacias Especializadas de Atendimento à Mulher, Hospitais, Casa Abrigo, CREAS, CRAS, Coordenadoria da Mulher, Conselho Tutelar, Conselho Municipal dos Direitos da Criança e do Adolescente, Conselho Municipal da Mulher, Poder Judiciário, Ministério Público, Defensoria Pública, Organizações não governamentais (ONGs), entre outros (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

De acordo com Hirigoyen (2006, p.182), “A pessoa sob jugo não é mais senhora de seus pensamentos, está literalmente invadida pelo psiquismo do parceiro e não tem mais um espaço mental próprio”. A dificuldade de mudança de realidade se mostra em um local distante para essas mulheres, é como se o único responsável por seus atos e destinos fosse o parceiro e ela necessitasse da presença dele para decidir novos momentos.

Também é relatado pela mesma autora (2006, p.183), que é preciso ajudar estas mulheres a verbalizarem e compreenderem o que foi vivenciado por elas, para assim, apurarem uma visão crítica de todos os ocorridos. Levar às vítimas a esse novo olhar sob o que aconteceu lhes traz uma nova fonte de proteção através de sua autoestima e olhar sobre si. Há um resgate e recomeço do que deve estabelecer essas experiências. A vítima, por meio desse processo, entende que a culpa dos atos e abusos não foi dela e sim do ex-companheiro. Lovelace (2017, p.110) traz um exemplo em uma de suas obras, que aborda esse processo de encontro da vitima com si mesma: “Foi preciso perdê-lo para finalmente encontrar a mim mesma. Foi preciso perdê-lo uma segunda vez para estar segura de mim mesma. Esse foi o meu primeiro ato de amor próprio”.

Conforme Abreu, et. al. (2021), as sequelas deixadas nestas vítimas geram impactos negativos para toda a vida, caso não sejam visualizadas. O papel da psicologia quanto ciência e profissão é permitir que os profissionais atuem por meio do acolhimento e restauração das vítimas. Não só o papel de entendimento dos abusos é visto, mas também, o cunho social e machista que gera esses males. É importante entender que a sociedade emprega um papel dominador nesse processo, e que é possível que haja desistências ou recusas com o processo psicoterápico, causadas pelas crenças sociais. O profissional de psicologia deve agir com neutralidade em todo processo, para não causar interferências que possam contribuir nesse papel dominante do social.

> As mulheres necessitam refletir sobre seu processo e seu tempo de tomada de atitude e mudança. Situações de violência podem se suceder nos contextos de vida da mulher, concomitante ao período em que se encontra em atendimento nos serviços. Esses fatos precisarão ser traduzidos para o conjunto de possibilidades no atendimento, sem manifestações de julgamento, pois essa tarefa irá desencadear posicionamento ético e técnicos conscientes e adequados (Conselho Federal de Psicologia, 2013).

De acordo com a escritora e psicanalista Ana Suy (2022, p.32) “a gente aprende a se amar, sendo amado”. Tudo que uma vítima de relacionamento abusivo precisa para que a psicoterapia flua é encontrar o conforto de um novo renascimento. O ambiente precisa ser um útero que possa reconstruir o indivíduo de forma que ela seja a sua própria estrutura, fazendo que o seu amor sobre si gemine o crescimento e superação da criança adoecida.

Em uma das obras, Calligaris (2019, p.120) relata que o processo psicoterapeutico não tem a intenção de extrair o acontecimento traumático da vida do paciente, mas sim, fazer com que o mesmo se dê conta do que foi traumático e consiga estabelecer um estado de regularidade com o acontecimento e sua vida. O atendimento não diz respeito ao trauma, mas, ao que o sujeito fez de si após o ocorrido.

Independente da abordagem ou método escolhido para a realização dos atendimentos e do local de realização, é indispensável que haja a criação do vínculo terapêutico dentro do *setting*. A vítima precisará de um local de acolhimento seguro para assim se mostrar completa na presença do profissional. Quando o desligamento do agressor é trabalhado, há uma busca por identidade que só pode ser adquirida por meio dessa confiança com o psicólogo. Só é possível se reconhecer novamente, em um local onde a vítima pode se mostrar também, sem sua identidade anterior.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na presente pesquisa foram apresentadas as principais características do que leva uma mulher a se prender em uma relação tóxica. Foram relatados impactos sociais e inconscientes, que causam não apenas um local de vitima perante a mulher violentada, mas também, ao decorrer de suas gerações. Foi possível perceber que esses fatores não interferem apenas nas relações afetivas dessas mulheres, mas também, em todo o seu cotidiano.

É importante ressaltar o papel social no comportamento desses homens, já que o poder que lhe é denominado faz que muitos exerçam papéis violentos para reafirmar a masculinidade que lhes foi proposta. Colocar uma mulher no papel de submissão e um homem no local de poder gera males para ambos os gêneros. Esse trabalho abordou a temática do abuso em relacionamentos amorosos monogâmicos e

heterossexuais, mas ainda vale ressaltar que esses abusos e violências também podem ocorrer e ocorrem em relacionamentos homoafetivos.

Encontrar-se perante a dependência de um parceiro retira não apenas a visão sobre si, mas também sobre o mundo. Dentre os contextos apresentados, cabe ressaltar a importância do profissional de psicologia e a importância de processos psicoterápicos que apresentem as circunstâncias desses elos. Se a mulher dependente não enxerga com clareza uma resolução para o conflito, mesmo que haja términos ou rompimentos de ciclos anteriores, existirão repetições e procuras pelo o que é faltante em todas as próximas relações. Mesmo que haja o fim do relacionamento com um homem que supra as necessidades que o desejo do Eu precise, a vítima irá buscar um novo parceiro semelhante, que também possua esse papel de preenchimento.

[1] Psicóloga CRP 02/29333, Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário da Vitoria de Santo Antão - UNIVISA, Pós-graduanda em Psicanalise e Psicologia Hospitalar pela Faculdade de Venda Nova do Imigrante – FAVENI. E-mail: psi.danielessilva@gmail.com.
[2] Professor Orientador, Docente do Curso de Bacharelado em Psicologia do Centro Univeritário da Vitória de Santo Antão (UNIVISA) e da Faculdade de Ciências Humanas ESUDA. Especializado em Administração Escolar e Planejamento Educacional, pela Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Psicólogo CRP 02/10729. E-mail: carlosmarinho@univisa.edu.br.

REFERÊNCIAS

ABREU, E.V. et.al. A atuação do psicólogo em casos de violência doméstica no Brasil. **Revista Projetos Extensionistas**. vol.1. p.185-192. Julho de 2021. Disponível em: https://periodicos.fapam.edu.br/index.php/RPE/article/download/501/265

ARENDT, H. **Da Violência**. 1º edição, 1985. Tradução: Maria Claudia Drummond, 2004. Disponível em: http://pavio.net/download/textos/ARENDT,%20Hannah.%20Da%20Viol%C3%AAncia.pdf

BOM DIA, OBVIOUS. #204/seu trauma não te define. [Locução de]: Ediane Ribeiro. *[S. l.]*: **Obvious,** 28 ago.2023. *Podcast*. Disponível em: https://open.spotify.com/episode/1RMwK1wuFdfhCxSZWJG81p. 57 minutos.

BRASIL. **Lei nº. 11.340, de 7 de agosto de 2006, (Lei Maria da Penha),** Diário Oficial da União, Brasília: 2006. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/l11340.htm

CONSELHO FEDERAL DE PSICOLOGIA. **Referências técnicas para a atuação de psicólogas (os) em Programas de Atenção à Mulher em Situação de Violência.** 1º edição. Brasília: 2013. Disponível em: http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2013/05/referencias-tecnicas-para-atuacao-de-psicologas.pdf

CALLIGARIS, Contardo. **Cartas a um jovem terapeuta:** Reflexões para psicoterapeutas, aspirantes e curiosos. São Paulo: Planeta. 2019.

DENZIN, N.K. LINCOLN, Y.S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens.** Porto Alegre: Artmed. 2006. Disponível em: https://bds.unb.br/handle/123456789/863

ESTÉS, C.P. **Mulheres que correm com os lobos.** 1º edição. Rio de Janeiro: Rocco. 2018.

FREUD, Sigmund. **Além do princípio do prazer.** 1º edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2020.

FREUD, Sigmund. **Fundamentos da clinica psicanalítica.** 1º edição. Belo Horizonte: 2017.

FREUD, Sigmund. **Amor, sexualidade e feminilidade.** 1º edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2018.

FREUD, Sigmund. **O eu e o id, "autobiografia" e outros textos.** 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2011.

FREUD, Sigmund. **Totem e tabu, Contribuição à história do movimento psicanalítico e outros textos.** 1º edição. São Paulo: Companhia das Letras. 2012.

GIL, A.C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4º edição. São Paulo: Atlas. 2008.

GUSMAN, M.C. DERZI, C.A. O trauma e seu tratamento: contribuições de Freud e Lacan. PEPSIC, **Subjetividades.** vol.21. Fortaleza: 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S2359-07692021000100002&script=sci_arttext

HIRIGOYEN, M.F. **A violência no casal: da coação psicológica à agressão física.** 1º edição. Rio de Janeiro: Bertrand Editora, 2006.

HUSS, T. **Psicologia forense: pesquisa, prática clínica e aplicações.** 1º edição. Porto Alegre: Artmed Editora, 2011.

KAUR, Rupi. **Outros jeitos de usar a boca.** 1º edição. São Paulo: Planeta, 2017.

LOVELACE, Amanda. **A princesa salva a si mesma neste livro.** 1º edição. Recife: Leya, 2017.

MINAYO, M.C. **Pesquisa social.** 1º edição. Alagoas: Editora Vozes. 2011.

NASIO, J.D. **A Fantasia: O prazer de ler Lacan.** 1º edição. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2007.

NASIO, J.D. **Por que repetimos os mesmos erros.** 2º edição. Rio de Janeiro: Zahar Editora. 2007.

NORWOOD, Robin. **Mulheres que amam demais.** 3º edição. Rio de Janeiro: Rocco. 2011

OLIVEIRA, Marcella. **Melanie Klein e as fantasias inconscientes**. PEPSIC, Winnicott e-prints, vol.2. São Paulo: 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2007000200005

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Salvador, Natal e Fortaleza lideram ranking de violência física contra as mulheres no Nordeste. **ONU Mulheres**, 2017. Disponível em: https://www.onumulheres.org.br/noticias/salvador-natal-e-fortaleza-lideram-ranking-de-violencia-fisica-contra-as-mulheres-no-nordeste/

ROMÃO, L.M. et al. Saúde Mental de Mulheres em situação de Violência Doméstica no Brasil: Uma Revisão Sistemática. **Id on Line: Revista Multidisciplinar e de Psicologia.** vol.13. p.293-305. Outubro de 2019. Disponível em: https://idonline.emnuvens.com.br/id/article/download/1987/3165/8278

ROSNER, Stanley. HERMES, Patricia. **O ciclo da autossabotagem: por que repetimos atitudes que destroem nossos relacionamentos e nos fazem sofrer.** 1º edição. Rio de Janeiro: Best Seller Editora. 2009.

ROSSETTO, B.G. et al. **Consequências da violência psicológica em mulheres em relacionamento abusivo.** Araçatuba: 2020. p.12 Monografia (Bacharel em Psicologia) – Centro Universitário Católico Auxilium. Disponível em: https://unisalesiano.com.br/aracatuba/wp-content/uploads/2021/06/Artigo-Consequencias-da-Violencia-Psicologica-em-Mulheres-em-Relacionamento-Abusivo-Pronto.pdf

SALES, L.C.M. **Relacionamentos abusivos: funcionamento psíquico das mulheres sob a visão da psicanálise.** Paracatu: 2020. p.28 Monografia (Bacharel em Psicologia) – Centro Universitário Atenas. Disponível em: http://www.atenas.edu.br/uniatenas/assets/files/spic/monography/RELACIONAMENTOS_ABUSIVOS__funcionamento_psiquico_das_mulheres_sob_a_visao_da_psicanalise.pdf

SANTOS, M.F. **Os impactos da violência doméstica na saúde mental da mulher.** São Francisco do Conde: 2018. Monografia (Pós Graduação em Saúde da Família) – Universidade da Integração da Lusofonia Afro-Brasileira. Disponível em: https://repositorio.unilab.edu.br/jspui/bitstream/123456789/1961/1/2018_mono_marineidesantos.pdf

SILVA, A.F. et al. Elementos constitutivos da masculinidade ensinados/apreendidos na infância e adolescência de homens que estão sendo processados criminalmente por violência contra a mulher/parceira. SciELO, **Ciência e Saúde Coletiva.** vol.27. Bahia: 2022. Disponível em: https://www.scielo.br/j/csc/a/N5NZMqyRYxh763Fq3pPfzgS/abstract/?lang=pt

SILVA, D.A. **A Permanência Das Mulheres Em Relacionamentos Abusivos: Uma Revisão Narrativa De Literatura.** Núcleo do Conhecimento. vol.08, 4º edição, p.168-176. Abril de 2021. Disponível em: https://www.nucleodoconhecimento.com.br/wp-content/uploads/kalins-pdf/singles/relacionamentos-abusivos.pdf

SILVA, D. SILVA, R.L. violência contra as mulheres nos relaciomentos conjugais e a dependência emocional: fator que influencia a permanência na relação. **Humanidades e tecnologia.** vol.20. Goiás: 2020. Disponível em: http://revistas.icesp.br/index.php/FINOM_Humanidade_Tecnologia/article/download/1008/727

SILVA, J.M. Das fantasias à fantasia fundamental: caso clínico. PEPSIC, **Estudos de Psicanálise.** vol.55. Belo Horizonte: 2021. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372021000100018

SILVA M.M, OLIVEIRA, G.S, SILVA, G.O. A pesquisa bibliográfica nos estudos científicos de natureza qualitativos. **PRISMA,** vol.2. Rio de Janeiro: 2021. Disponível em: chrome://external-file/45-Texto%20do%20artigo-135-1-10-20211225.pdf

SOARES. S.J. Pesquisa científica: uma abordagem sobre o método qualitativo. **Revista Ciranda,** vol.1. p.168-180. Montes Claros: 2019. Disponível em: chrome://external-file/ciranda,+1593-5182-13-PB.pdf

SUY, Ana. **A gente mira no amor e acerta na solidão.** 1º edição. Rio Grande do Sul: Paidós, 2022.

PINTO, Manoel C. **O livro de ouro da psicanálise**. 1º edição. Rio de Janeiro: Ediouro, 2019.